

77% da população querem quatro anos para Sarney

O apoio às eleições diretas em 88 aumentou em relação a março; 59% não votariam no constituinte que apoiar 5 anos de mandato

Da Redação

O apoio popular ao mandato de quatro anos para o presidente Sarney aumentou nos últimos dois meses: 77% da população de dez capitais dos principais Estados do Brasil defendem a realização de eleições presidenciais este ano, segundo pesquisa realizada pelo DataFolha nos dias 2 e 3 de maio; no levantamento feito em março, 69% escolheram quatro anos. A opção pelo mandato de cinco anos tem o apoio de 16% dos entrevistados, número inferior ao verificado na pesquisa de março (23%).

Entre os defensores dos quatro anos, 59% pretendem não votar em políticos que tenham apoiado o mandato presidencial de cinco anos. O apoio do presidente Sarney a um candidato à sua sucessão conquistaria, hoje, 9% do eleitorado. No entanto, 55% dos entrevistados rejeitariam um candidato que fosse apoiado por Sarney.

A pesquisa foi realizada pelo DataFolha em dez capitais — São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre (RS), Curitiba (PR), Belo Horizonte (MG), Salvador (BA), Recife (PE), Fortaleza (CE), Belém (PA) e Brasília —, ouvindo um total de 4.952 pessoas, selecionadas de acordo com a zona geográfica, nível sócio-econômico, sexo e idade.

Porto Alegre continua sendo a capital mais quatroanista, com 88% de adesão (superior aos 83% registrados em março). A seguir, aparecem Rio de Janeiro, com 80%,

Brasília, com 79%, e Salvador, com 75%.

Em São Paulo, a adesão aos quatro anos abrange 75% da população. Em março, esse número era de 71%.

Curitiba é a capital onde a realização de eleições presidenciais em 1988 tem o menor índice de apoio (60%).

Os maiores defensores dos quatro anos são os petistas e pedetistas, com 90%; seguidos pelos simpatizantes do PDS (73%) e PFL (72%). Entre os peemedebistas, são registrados os índices mais baixos de apoio ao mandato de quatro anos, de acordo com a preferência partidária: 71%.

O eleitorado mais jovem (18 a 24 anos) lidera o apoio às eleições em 1988, na análise de acordo com a faixa etária: 82% dos pesquisados dessa idade querem votar para presidente ainda esse ano.

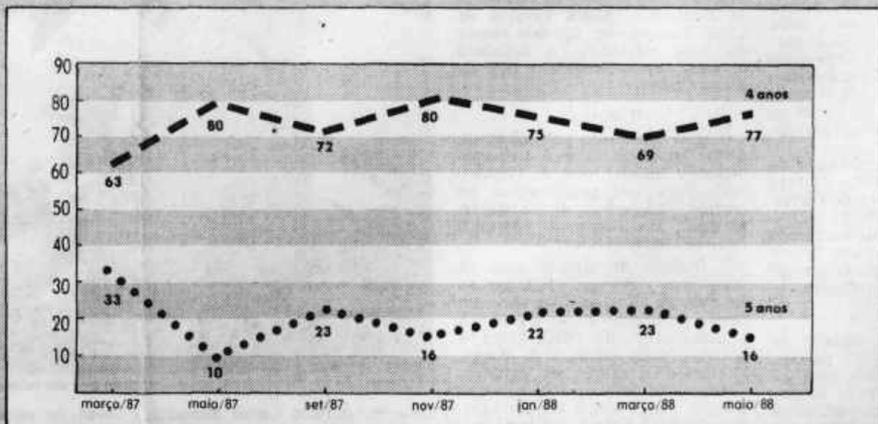
Entre os peemedebistas, 19% declararam que escolheriam um candidato por ele ter o apoio do presidente Sarney. Entre os pefelistas, a taxa é de 12%.

A pesquisa é uma realização do DataFolha, sob direção do sociólogo Antonio Manuel Teixeira Mendes, tendo como auxiliar de planejamento e análise o sociólogo Gustavo Venturi. A coordenação dos trabalhos de campo ficou a cargo de Paulo Tadeu Petraglia (São Paulo), Cláudio Alexandre Andrade (Rio de Janeiro), Ivo de Azevedo Nobre Bernal (Salvador), Maurício Gugelmin (Curitiba), Ana Rita Castro Trajano (Belo Horizonte), Beatriz Rodrigues Alves (Porto Alegre), Laura de Renor (Recife), Francilaine Mendes de Moraes (Brasília), Paulo Sérgio Souto Mota (Fortaleza), Thais Soares de Rausand Gomes (Belém). A formulação dos temas e a interpretação dos resultados são de responsabilidade da Redação.

O Congresso constituinte definirá em breve a duração do mandato do presidente Sarney. Na sua opinião o mandato de Sarney deve ser de cinco anos, com eleições presidenciais diretas em novembro do ano que vem (1989), ou de quatro anos, com eleições presidenciais diretas em novembro deste ano (1988)?

Total %	Em Porcentagem										
	Categorias	São Paulo	Rio de Janeiro	Belo Horizonte	Curitiba	Porto Alegre	Salvador	Recife	Fortaleza	Brasília	Belém
77	Cinco anos	16	13	16	24	10	21	16	13	16	16
	Quatro anos	75	80	72	67	88	78	77	77	79	74
	Outros	09	07	12	09	02	01	07	10	05	10
	TOTAL	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	Nº de Entrevistas	(1.050)	(700)	(400)	(400)	(400)	(400)	(400)	(400)	(400)	(400)

Evolução da opinião da população das principais capitais sobre a duração do mandato Sarney.



As pesquisas de março e maio de 87 foram feitas em oito capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Salvador, Recife e Brasília. A de setembro, em 11 capitais, incluiu Fortaleza, Belém e Goiânia. As de novembro de 87 e janeiro de 88, em 10 capitais, excluíram Goiânia.

Fonte: DataFolha

Planalto intensifica articulações com ministros e governadores

MAURO LOPES
Da Sucursal de Brasília

O presidente Sarney voltará a intensificar, esta semana, as articulações com as quais pretende garantir, no plenário do Congresso constituinte, cinco anos para a duração de seu mandato para si. O primeiro passo da estratégia palaciana será uma reunião de Sarney com seus ministros "políticos", assessores de confiança e lideranças governistas no Congresso. Depois, será a vez dos governadores. O esquema sarneyista para a votação do mandato nas Disposições Transitórias da nova Carta repetirá a fórmula bem sucedida, quando foi votado o sistema de governo e o mandato dos futuros presidentes, no último dia 22 de março. Enquanto o Palácio do Planalto agiliza seus mecanismos de convencimento e pressão sobre os parlamentares, os partidários de um mandato de quatro anos, no Congresso, avaliam que as chances de uma vitória de sua tese crescem nas últimas semanas, mas se mantêm na defensiva.

A reunião da cúpula do governo deveria ter acontecido na última sexta-feira, mas acabou adiada depois que surgiu o "buraco negro" da reforma agrária no Congresso constituinte. Os sarneyistas, que previam a votação do mandato do presidente para os dias 17 e 18 de maio (terça ou quarta-feira da próxima semana), acreditam agora que o prazo foi esticado em alguns dias, talvez até em uma semana.

As reuniões desta semana significam, na verdade, um aceleramento no processo de articulação do governo. Segundo o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, o Palácio do Planalto "nunca deixou de lado as pressões" pelo



O deputado Carlos Sant'Anna, líder do governo

mandato de cinco anos. "Pelo contrário", afirmou Cardoso na última sexta-feira, "Sarney só se importou, durante toda a Constituinte, com o mandato, em nenhuma outra questão o governo chegou a se mobilizar por inteiro, nem na questão tributária."

Neste mês e meio, depois da votação do sistema de governo e do mandato dos sucessores de Sarney, o Planalto manteve um perfil baixo em relação ao mandato do presidente, mas não abandonou o assunto: só em dois dias da última semana (quarta e quinta) o presidente recebeu 98 parlamentares, quase 20% da Constituinte. Além disso, nos últimos trinta dias, Sarney conseguiu abraçar o "Plano de Emergência" que o governador de Goiás, Henrique Santillo, tentou articular com os demais governadores.



O ministro da Saúde, Borges da Silveira

O clima entre os cincoanistas é de franco otimismo. Há um sem número de contas, feitas por parlamentares sarneyistas e ministros de Estado, todas indicando a vitória da tese dos cinco anos de mandato. O deputado Milton Reis (PMDB-MG), que funciona como uma espécie de aferidor oficial do Planalto, depois que previu corretamente a vitória do presidencialismo e dos cinco anos do texto permanente da nova Constituição, divulgou seus números para a votação na última quinta-feira: Sarney já contaria com 282 votos (dois a mais que a maioria absoluta necessária para aprovar qualquer tese na Constituinte) e haveria 44 indecisos a serem conquistados até o final do mês. O líder do governo na Câmara, Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), é ainda mais otimista, diz que se todos

os cincoanistas comparecerem na votação, terão 320 votos.

A base do otimismo oficialista é a vitória de 22 de março. Todos os cálculos, no Congresso, partem do resultado daquele dia: 304 votos pelos cinco anos, 223 contra, uma abstenção e 31 ausentes. Estes números levaram o presidente do PFL, senador Marco Maciel, que defende um mandato de quatro anos, a apresentar ao presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, há dez dias, o seguinte raciocínio: Sarney teve 304 votos, 24 votos a mais que o necessário; dos 31 que faltaram, pelo menos a metade apoiou o mandato de cinco anos; além disso, a lógica parlamentar indicaria que o resultado do texto permanente (mandato de cinco anos para os sucessores de Sarney) deve se repetir no transitório. Ulysses,

Presidente apóia plano de Santillo

Da Sucursal de Brasília

O presidente José Sarney está apoiando a elaboração de um "Plano de Emergência" pelos governadores de Estado, iniciativa coordenada pelo governador de Goiás, Henrique Santillo (PMDB), com o objetivo de conseguir cinco anos de mandato no Congresso constituinte e firmar um pacto que lhe garanta apoio após a promulgação da nova Carta. Desde março, quando Santillo promoveu o "Encontro de Goiânia", onde surgiu a articulação do "Plano de Emergência", assessores de Sarney vinham elaborando um programa de governo com o mesmo objetivo. O texto do Planalto acabou tendo sua

redação suspensa, já que Sarney considerou mais vantajoso politicamente esperar pelo dos governadores.

Segundo o líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), o "Plano de Emergência" é "uma necessidade para que se articule o bloco parlamentar de apoio do governo no Congresso". Para Sant'Anna, "agora que a situação está mais definida quanto ao mandato, é preciso definir o apoio ao governo, e sem programa não há apoio".

O líder peemedebista no Senado, Fernando Henrique Cardoso, diz que o plano é "uma tentativa de pacto entre Sarney e os governadores".

Uma eventual definição de Ulysses Guimarães pelos quatro anos para Sarney é considerada unanimemente, entre os quatroanistas, como o "fator novo" capaz de modificar o equilíbrio de forças no Congresso constituinte.

Ibsen afirma que os cinco anos não estão assegurados

Da Sucursal de Porto Alegre

O líder do PMDB na Câmara, deputado Ibsen Pinheiro (RS), disse ontem em Porto Alegre (RS) acreditar que o mandato de cinco anos para o presidente José Sarney não está assegurado, podendo ainda ser aprovado o de quatro anos pelo Congresso constituinte.

"A pouca folga (24 votos) com que os cinco anos foram aprovados no texto permanente", segundo Ibsen, "leva à incerteza", do resultado que terá a votação do mandato do presidente Sarney nas disposições transitórias. "Ainda mais que nem todos que votaram pelos cinco anos o farão nas disposições transitórias", disse.

Ibsen, que é ligado ao presidente do PMDB e do Congresso constituinte, Ulysses Guimarães (SP), afirmou em entrevista concedida na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, que tem dúvidas quanto a rearticulação da maioria



O deputado Ibsen Pinheiro

eventual que aprovou o presidencialismo e os cinco anos.

Ibsen afirmou que, promulgada a Constituição, e "redefinido" o PMDB, o partido poderá revisar suas relações com o governo, "que hoje são de segundo grau", adotando, mais que um rompimento, o afastamento, o que seria em caráter irreversível.

Sarney vai à solenidade do Dia da Vitória

Da Sucursal do Rio

O presidente José Sarney participou ontem, no aterro do Flamengo, no Rio, das comemorações do "Dia da Vitória" (dos aliados na Segunda Guerra Mundial) cercado por um "esquema de segurança máxima". Mais de mil homens do Exército, Marinha, Aeronáutica e Polícia Militar (PM) ocuparam três das seis pistas do aterro, entre a cidade e o Monumento aos Mortos. A segurança manteve à distância as pessoas — menos de 900 — que compareceram ao local. Cem militares reformados que tentavam abrir uma faixa de cem metros quadrados reivindicando anistia para os marinheiros cassados em 1964 foram retirados da área e escoltados por policiais militares até a praça Mahatma Gandhi, a 700 metros do local. Em todas as suas visitas ao Rio desde o apedrejamento de seu ônibus por manifestantes no Paço Imperial (no centro), em junho de 1987, Sarney só tem acompanhado a unidades militares, sem manter contato com a população.

Nas duas horas em que permaneceu ontem no Rio para as comemorações do "Dia da Vitória", o presidente José Sarney só se afastou uma vez do rígido esquema de proteção policial. Na Base Aérea do Galeão, pouco antes de embarcar para Brasília, o presidente falou com os jornalistas para dar uma mensagem sobre o Dia das Mães. Sarney afirmou que queria cumprimentar as mães presentes "e todas as mães" do país. "O Brasil começa em cada um de nós, dentro do coração de sua própria mãe. Hoje é uma data que festejamos na maior confraternização", declarou, acrescentando que o presente para sua mãe será "o carinho que sempre tenho dado a vida inteira." Após



Leonidas, Moreira Franco e Sarney na comemoração do "Dia da Vitória"

fazer essas declarações, Sarney disse que "quem não é bom filho não pode prestar para muita coisa", mas foi embora ao ser indagado sobre as mães preocupadas com o congelamento da Unidade de Referência de Preços (URP).

Segurança

No Monumento aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, no aterro do Flamengo (zona sul), Deise da Silva, 41, reclamou por ter sido proibida de ver seu filho de perto — um dos soldados que desfilaram para o presidente — pelo mais forte esquema policial já montado no local. "Eu vim de longe para ver meu filho desfilar. Não sei por que tanta segurança; há tão pouca gente e nenhuma agitação", afirmou.

"Presidente tem que ser popular, como o Kennedy (John Kennedy, 1960-1963, dos Estados Unidos) ou o

Marcelo Vianco

Juscelino Kubitschek (1956-1961), que não tinham medo de encontrar o povo. Não é possível governar tendo que manter o povo à distância", disse o ex-sargento do Exército Walter Rocha, 57 anos, que assistiu de longe a cerimônia.

Sarney chegou ao Monumento às 9h58, acompanhado dos ministros do Exército, Leonidas Pires Gonçalves, da Marinha, Henrique Sabóia, e da Aeronáutica, Octávio Júlio Moreira Lima, além dos ministros-chefes do Estado-Maior das Forças Armadas (Emfa), Paulo Roberto Coutinho Camarinha, do Serviço Nacional de Informações (SNI), Ivan de Souza Mendes, e do Gabinete Militar, Rubens Bayma Denys. Nenhum ministro civil acompanhou o presidente, que foi recebido pelo governador Moreira Franco (PMDB), pelos comandantes militares locais e

por quatro deputados federais fluminenses.

Durante a cerimônia no Monumento, foram mobilizados 400 soldados do Batalhão de Guarda da Polícia do Exército, armados de fuzis e baionetas; 400 homens do Batalhão de Choque do Estado e 250 homens da Polícia do Exército, além das polícias Federal, Civil e Secretária do Exército. Em volta do local, foi feito um duplo bloqueio. Fora do cerco, mais três caminhões do Batalhão de Choque permaneceram estacionados, para qualquer eventualidade.

Sarney retirou-se às 10h50, após assistir os desfiles dos veteranos da Segunda Guerra. Do monumento até o ônibus presidencial, Sarney e os ministros militares caminharam protegidos por duas filas de soldados do Batalhão de Guarda (BG) do Exército. Do aterro até a Base Aérea do Galeão, ele viajou no primeiro banco da direita, a mesma janela destruída por manifestantes no Paço Imperial em junho do ano passado.

"13 séculos de prisão"

Os manifestantes escoltados pela PM até a praça Mahatma Gandhi eram membros da União dos Militares Não-Anistiados (UMNA), presidida pelo ex-sargento Lourenço Viana, 46. Na sua primeira manifestação na área, em 1985, eles conseguiram permanecer junto ao Monumento. Ontem, assim que se aproximaram foram barrados pelo major Arnaldo, da PM, quando tentavam abrir a faixa com os dizeres "Anistia para os marinheiros de 64, condenados a 13 séculos de prisão". A faixa dos marinheiros, referindo-se à soma de 1.300 anos de prisão que 300 deles cumpriram, foi recolhida. Parte dos PMs que os escoltaram até a praça, ali permaneceram o tempo todo, até a retirada de Sarney.

Agendas

Executivo

Presidente	15h30	Prefeito	16h
9h	Ministro do Interior	8h	Assessor-chefe jurídico
9h45	16h	Secretário especial	16h30
10h45	16h30	9h	Assessor-chefe técnico-legislativo
11h	17h30	9h30	Secretário de Esportes
11h30	18h30	10h30	Secretário do Abastecimento
12h	19h	11h30	Secretário dos Negócios Jurídicos
12h30	19h30	12h30	Secretário de Viação Pública
13h	20h30	13h30	14h30
13h30	21h30	14h30	Reunião do plenário